

A CONTAÇÃO DE ESTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA DE LEITURA E ESCRITA – UMA ANÁLISE INTERDISCIPLINAR DAS AÇÕES DO PROJETO ALFA NA ESCOLA ESTADUAL JOÃO GODEIRO¹

Adriane Maia Dias
Francisca Clébia Maia Torres
Maire Maria Maia²

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

RESUMO

Superar as deficiências de leitura e escrita desponta como um desafio ético e pedagógico do professor. Neste trabalho, apresenta-se a contação de estória como recurso metodológico de grande alcance pedagógico. Com essa preocupação, teceu-se uma discussão acerca das possibilidades de ensino e aprendizagem referenciadas nas proposições do Projeto Alfa desenvolvido no 5º ano da Escola Estadual João Godeiro – escola parceira do PIBID/PEDAGOGIA/CAP/UERN. A tessitura da análise tem base na perspectiva interdisciplinar dos saberes da prática, sustentados por FAZENDA (2005), FERREIRO (1987), KLEIMAN (2007) e, BETTLHEIN (1980), assim constatou-se nos alunos um desempenho expressivo na aquisição da leitura e na apreensão da escrita como prática social, ao reescrever a estória partindo do seu cotidiano.

PALAVRAS-CHAVES: Contação de estória. Interdisciplinaridade. Leitura e escrita.

Considerações introdutórias

A diversidade e multiplicidade das formas de leitura e escrita chama a atenção para o acelerado processo de apreensão e obsolescência das informações veiculadas em tempos de avançada tecnologia da informação e do conhecimento. Criar condições apropriadas para trabalhar e aproveitar o potencial linguístico favorecendo as competências e habilidades que despontam com as sugestões variadas do mundo da leitura e da leitura no mundo.

Pode parecer paradoxal que, ao nos perceber envolvido por essa densa nuvem de informações e conhecimento, tenhamos que nos esforçar para desenvolver projetos de incentivo e adoção de práticas de leitura e escrita. A aquisição e o gosto pela leitura e a produção textual deve ser um trabalho que começa na mais tenra idade e independe dos meios e ferramentas porque transcende a condição material, social e cultural, pois é algo inerente à

¹ Trabalho apresentado no I ENLIJE, orientado pela professora Antonia Sueli da Silva Timóteo.

² Graduandas do curso de pedagogia do Campus Avançado de Patu – CAP da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

personalidade de cada indivíduo. Embora, a primeira vista, nem todos apresentem gosto e habilidade para a leitura devemos nos empenhar para reverter as dificuldades e entraves do acesso ao mundo letrado.

Superar as deficiências de leitura e escrita desponta como um desafio ético e pedagógico do profissional docente, em especial nos anos iniciais do ensino fundamental, onde se faz mister, ao professor, orientar de forma adequada, o processo de aprendizagem do aluno. Neste trabalho, apresenta-se uma experiência pedagógica, desenvolvida numa turma de 5º ano, da Escola Estadual João Godeiro, Patu-RN, a qual é parceira do PIBID/PEDAGOGIA/CAP/UERN.

O relato em tela orienta-se pela utilização da contação de estória como um recurso metodológico, que se revelou de grande alcance pedagógico, ao constatar-se, nos alunos, um desempenho expressivo na aquisição e no gosto pela leitura, a partir do que ora se apresenta. A tessitura da análise tem base na perspectiva interdisciplinar dos saberes da prática pedagógica sustentados por FAZENDA (2005), FERREIRO (1987), KLEIMAN (2007) ABRAMOVICH (1997) e BETTLHEIN (1980). E ainda CAMPOS e PESSOA (1998), BARBOSA e HORN (2001) e SOUZA, (1989)

Nesta perspectiva, este artigo terá como eixo norteador das atividades a contação de histórias, visto que de acordo com o diagnóstico realizado pelo projeto Alfa na escola parceira do PIBID³ percebemos a ineficiência das práticas de leitura e escrita e os prejuízos causados na aquisição e no gosto pela leitura na maioria das crianças do 5º ano, onde atuamos como observadores da prática pedagógica.

1 - A contação de histórias no contexto sócio – cultural da criança

³Os resultados do diagnóstico comprovam um número considerável de alunos que saem do ciclo de formação (1º, 2º e 3º Ano) sem saber ler nem escrever de forma considerada adequada, o que compromete seriamente o seu desempenho nos anos seguintes. Buscando enfrentar essas dificuldades, a equipe envolvida no subprojeto Pedagogia/PIBID/CAP/UERN elaborou esta proposta objetivando contribuir para a melhoria da aprendizagem desses alunos, de forma a contemplar as turmas do 1º ao 5º ano.

A contação de história é uma arte milenar. Iniciou-se com os primórdios da humanidade por meio da tradição oral e persiste por várias e várias gerações. A contação é responsável por ampliar o universo literário e atuar na imaginação leitora por meio da construção de imagens. Agindo também na formação intelectual dos educandos e despertando-os para o interesse e o estímulo pela leitura, vivenciada nas mais diversas formas.

Repensar constantemente os desígnios do uso da contação na escola é essencial para que seja mantido um julgamento do trabalho pedagógico, bem como uma adaptação mais primorosa das maneiras de se trabalhar com esse recurso.

A criança tem uma vivência carregada de fantasia. Ao brincar, ela reproduz elementos fantásticos que recebeu de algum lugar: da televisão, de casa, dos colegas, da escola. Esse é um momento importante para a introdução da leitura, pois é o momento em que a criança sente-se segura, familiarizada e seduzida pelo universo da fantasia. (SOUZA, 1989, p. 26)

Contar uma história, grande ou pequena, real ou fantasiosa, ou ainda ler um livro, respeitando logicamente a faixa etária do espectador, deve ser hábito nas salas de aula, prezando sempre as finalidades e relacionando com a realidade e os interesses dos alunos.

No exercício da docência é plausível instituir momentos onde os educandos compreendam a relevância da contação de histórias, sobretudo num processo de conhecimento histórico e cultural e no ensaio do desenvolvimento de sua criticidade. Como diz Abramovich (1997), ao ler uma história a criança também desenvolve todo seu potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar querendo saber mais e melhor, ou percebendo que se pode mudar de opinião.

Outro fator de destaque na contação de histórias é o desenvolvimento comunicativo. A oralidade está presente durante todo o tempo da contação, fazendo com que a criança desenvolva o diálogo, o ato de apresentar-se em público e também sua capacidade de expressar-se normalmente em situações familiares e escolares, sociais e intelectuais. Por meio da interação sócio-cultural é possibilitada a criança a interação com os demais colegas, a criação de laços sociais e o gosto pela leitura, escrita e apreciação das artes.

Partindo desses preceitos, defendemos que a ação de narrar e ouvir histórias pode e deve se tornar um costume no âmbito das salas de aulas, pois estes propiciam momentos de intercâmbio e reflexão entre o grupo, onde as inter-relações entre os tipos de conhecimentos com o mundo real os preparam para serem futuros cidadãos críticos e independentes na sociedade.

A partir dessas pontuações, compreendemos que a contação é primordial na aprendizagem da criança, pois ela ajuda no desenvolvimento cognitivo e social, além de ser fonte inesgotável de divertimento, motivação e deleite. A nós, professores cabem a simples tarefa de estimulá-los a leitura, através de bons livros e que estes sejam acessíveis ao seu nível de aprendizagem. Uma vez que, embora as tarefas, atividades e demais recursos relacionadas a contação pareçam mera brincadeira, na verdade são marcos iniciais de construção de uma cultura.

2 - Condições sócio-pedagógicas apropriadas para instalação e manutenção de práticas de contação de estórias

Pensando nas possibilidades e atrações do mundo da leitura, remontamos o ambiente onde imaginamos ser possível promover o encontro cordial da criança com a literatura. Considerando o desenvolvimento do cognitivo particular de cada criança e baseados na consciência de que o processo ensino-aprendizagem necessita da abordagem de temas lúdicos no âmbito escolar dessa modalidade de ensino, elaboramos uma série de atividades contemplando as reivindicações do Projeto ALFA.

O projeto ALFA é uma produção de autoria dos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a docência – PIBID do Campus Avançado de Patu – CAP, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN que resultou do trabalho de investigação e diagnose do espaço de referencia para desenvolvimento das ações do PIBID.

A concretização do trabalho aparece nas iniciativas pedagógicas com o envolvimento de todas as disciplinas e a maior participação do aluno numa perspectiva interdisciplinar. A novidade que pretendemos dar ao trabalho com a contação de estórias está na “provocação” dos sentidos e da reflexão – concordamos que não há termo mais adequado para usar quando se elege como objetivo de um trabalho acender no aluno o prazer de

aprender e o hábito pela leitura. Entre outros, esse foi o objetivo maior do trabalho com a contação de histórias, e esse mesmo imprimimos no registro do artigo que ora apresentamos.

O registro dessa experiência começa com a constatação um tanto previsível e comum a maioria das escolas que conhecemos. A rigidez do programa curricular e a soberania do livro didático acabam sufocando as possibilidades da dinâmica de sala de aula e restringindo os momentos de ludicidade e produção a tímidas e mal sucedidas iniciativas de práticas de leituras.

Também observamos não haver cantinhos de leituras, além disso, não constatamos a realização de dramatização de contos, lendas, fábulas, por exemplo, presentes na prática docente. Verificamos, ainda, a ausência de uma rotina em sala de aula organizada, ou seja, não há evidência de uma rotina estruturada, planejada e sistematizada. Há uma desestruturação nos fatores tempo e espaço que, na contramão do que sugere BARBOSA e HORN (2001) ao apontar as condições apropriadas para a instalação e manutenção da contação de histórias:

(...) prever momentos diferenciados que certamente não se organizarão da mesma forma para crianças maiores e menores. Diversos tipos de atividades envolverão a jornada diária das crianças e dos adultos: o horário da chegada, a alimentação, a higiene, o repouso, as brincadeiras – os jogos diversificados – como o faz-de-conta, os jogos imitativos e motores, de exploração de materiais gráficos e plásticos – os livros de histórias, as atividades coordenadas pelo adulto e outras.

Compreendemos aqui que as autoras nos falam que a organização espaço-temporal não é algo eventual e sem relevância, pelo contrário, pois, para dar sentido as atividades, as relações com seus pares e, sobretudo para que essas atividades ganhem espaço cativo no programa e nos projetos da escola é preciso que isso passe a ser planejado e coordenado de forma que venha a ser reconhecido como prática pedagógica, e, como tal possa revelar o caráter reflexivo que caracteriza sua práxis.

A contação de histórias como condição para a adoção de práticas reflexivas

Por mais que pareça utópico e até apontado como discurso de iniciante a docência, nos arriscamos a defender que a compreensão e adesão a essa postura só acontecerá mediante o

comprometimento ético e profissional com a identidade do cidadão que estamos formando, com a valorização das trocas de conhecimentos, com a mobilização honesta de saberes e com o respeito às diferenças e limitações e erros do processo de ensino e aprendizagem de cada um dos agentes, seja aluno, seja, professor, seja pai, seja gestor.

Esse exercício só começa e só se mantém através do despertar para a necessidade consciente da reflexão na ação, o que caracteriza o movimento de professor reflexivo proposto por Donald Schon e compartilhado no Brasil por estudos teóricos de pesquisadores com Selma Garrido e Isabel Alarcão (SCHON, 1990; PIMENTA, ALARCÃO, 1996). Suas ideias se constituem o que de mais atual em termos de proposição teórica que se opõe a racionalidade técnica⁴ que marcou o trabalho e a formação dos professores no século XX e início do século XXI. Temos em Campos e Pessoa (1998, p.196) um resumo da proposta de Schön, que se concentra basicamente em três ideias:

O “conhecimento na ação”, a “reflexão na ação” e a “reflexão sobre a ação”. O “conhecimento na ação” diz respeito ao saber escolar que é mobilizado na prática profissional. É “o conhecimento que permite agir”. A “reflexão na ação”, por sua vez, diz respeito às observações e às reflexões do profissional em relação ao modo como ele transita em sua prática; a descrição consciente dessas ações leva a um movimento gerador de mudanças, que conduz a “novas pistas para soluções de problemas de aprendizagem”. O pensamento crítico sobre sua atuação, assim exercitado, pode levar o profissional a elaborar novas estratégias de atuação. Como afirmou Schön (1995, p.85), “é impossível aprender sem ficar confuso”, concluindo que, mais que dar valor à confusão de seus alunos – fase natural e necessária na aprendizagem -, o professor reflexivo deve valorizar “sua própria confusão”. De tão rica, a “reflexão na ação” pode servir até como gerador de conhecimento sistematizado.

Em termos práticos, percebe-se como profissional reflexivo aquele que busca, como pesquisador da sua própria prática, respostas para as indagações e angústias do cotidiano de sala de aula, que encara com otimismo as dificuldades e entraves do processo de alfabetização, que é a dificuldade em pauta, e que acima de tudo se lança com ousadia na

⁴ Schon denominou racionalidade técnica, ações didáticas que se reduzem à escolha pelos professores dos meios necessários para a realização de objetivos prescritos externamente ao ambiente escolar. A concepção dos processos de ensino como simples intervenção pedagógica e a visão do professor como técnico retomam, na educação, o modelo taylorista de eficiência industrial. Taylor, considerado o pai da organização científica do trabalho, centrou seus estudos principalmente nos métodos e na organização do trabalho, e no controle sobre ele. Para Schon, os problemas que surgem na prática são marcados pela incerteza, instabilidade, singularidade e conflitos de valores, e, desta forma, resistem a ser enquadrados em esquemas rígidos e predeterminados. O contexto da racionalidade técnica mecaniza o pensamento negando o mundo real da prática vivida, reduzindo o conhecimento prático do professor a um conhecimento como técnica (VALADARES, 2002, p. 188)

aventura do conhecimento e da reflexão do fazer, do aprender constantemente, buscando subsídios para sempre seguir em frente e ultrapassar os obstáculos em seu caminho.

Não podemos esquecer de mencionar aqui que a contação de histórias representa muito do esforço desse profissional reflexivo, do otimismo e da disposição de inovar e recriar um ambiente lúdico onde não se ver condições físicas e estruturais adequadas. As iniciativas desse tipo dão provas irrefutáveis de quanto as palavras ludicidade e educação são indissociáveis, pois este é um valioso recurso que consente o aprendizado e a estruturação de novas conquistas, permitindo, futuramente, o seu emprego pela criança na resolução de problemas práticos, com considerável desenvoltura.

Interdisciplinaridade e contação de histórias: ligando culturas e saberes

Com essa postura reflexiva, compreendemos que a forma mais segura de contextualizar diferentes situações de aprendizagem é através de uma metodologia interdisciplinar focando numa postura crítico reflexiva, com a finalidade de desenvolver desde já uma identidade profissional, além de possibilitar a contribuição deste trabalho para a abertura de caminhos e a estimulação de uma prática reflexiva.

No decorrer de atividades com as leituras compartilhadas, histórias ilustradas, teatro de fantoches, histórias em quadrinhos e especialmente a contação no grande círculo, percebemos que há carência literária por parte da turma, o que de certa forma denuncia a distância que foi imposta entre o mundo da criança e o mundo literário e uma necessidade das escolas da rede pública em estabelecer a conexão delas com a Literatura. Essa interação é importante uma vez que, torna possível a apreensão e a atenção das crianças – condição necessária para introduzir uma das tarefas que consideramos de maior relevância que diz respeito ao “reconto” quando o aluno tem a oportunidade de recontar a história reescrevendo de acordo com a compreensão que se constrói a partir daquele momento. Kleiman (2002, p. 9) justifica a importância dessa atividade quando declara que:

[...] a compreensão, nessas etapas iniciais, não se dar necessariamente durante o ato de ler da criança, mas durante a realização da tarefa, na interação com o professor, ao propor estas atividades que criam condições para o leitor em formação retomar o texto e, na retomada compreende-lo.

Depreende-se com que a retomada do texto pelo aluno representa o momento particular de cada um e o fato de reescrevê-lo dar ao aluno a chance de imprimir ao texto suas

convicções, suas crenças, suas verdades, seus temores, suas carências, já que, mesmo que indiretamente, os contos ensinam a superar o medo, a perda, a conhecer o amor, os valores fraternais, desenvolver a criatividade e a buscar respostas aos seus questionamentos pessoais, (bom exemplo disso foi a aula a partir da estória de Pinóquio).

Segundo BETTELHEIM, (1980), compreendemos que o trabalho de contação de estórias tem o poder de enriquecer a vida da sala de aula, no sentido que estimula a sua imaginação, desenvolve suas capacidades intelectual e evidencia sua emotividade, levando-a ao reconhecimento pleno de seus enigmas, além de harmonizar suas ansiedades e pretensões, sugerem portas para os problemas que a cercam promovendo, ao mesmo tempo, a confiança em si própria e em seu amanhã.

Acreditamos que a contação de estórias tem como função primordial: educar para a sensibilidade, pois em suas letras encontram-se um resumo do belo no universo das palavras e das imagens, como fatores ideais o de agradar, entrelaçar, aperfeiçoar, educar e distrair tornando essencial a qualidade das emoções e sua verdadeira conexão com a criança, tornando, dessa forma, inegáveis as funções que os contos de fadas podem exercer nas mais variadas áreas de conhecimento, desenvolvimento e aprendizagem de uma criança em suas distintas etapas da vida.

Assim, acreditando que ao resgatar o lúdico, o fantástico e as emoções prosaicas nos educandos, serão possibilitadas condições de contribuir para um desenvolvimento cognitivo, psíquico e, uma vez que, durante o ato de contar histórias é oportunizado às crianças, dividir emoções, ouvir o outro e coexistirem melhor socialmente. Entendemos que será de grande valia para o desenvolvimento educacional nos aspectos sócio-afetivo, psicomotor e especialmente cognitivo, um trabalho pedagógico que tenha como base a contação, ou mais propriamente a ilustração e produção literária.

Diante dessa premissa, observamos que os objetivos da contação de estórias compreendem desde o entretenimento saudável até a integração dos conteúdos do currículo de forma interdisciplinar. Assim o educador deverá recorrer à contação de estórias quando desejar, através do entretenimento, oferecer um ambiente diversificado com apelo literário e pedagógico, pela sua carga de imaginação ou ainda, pela dedicação natural da criança a brincadeira e ao faz-de-conta.

Consideramos que o pensamento e a fantasia, são os alimentos da inteligência, apuradores do caráter pessoal e refinadores de seu espírito, tornando-se assim nela inesgotáveis, com isso nos questionamos, seria possível moldar um espírito pueril sem usarmos a imaginação, o encanto e a fantasia? Tais fatores não atrapalham a realidade, justamente o contrário, eles podem suavizá-la. Por motivos como este se recomenda ao professor moderno e reflexivo, a contextualização dos gêneros literários, respeitando também a idade e os interesses de seu aluno, assim podemos dizer que a função mais importante deste tipo de literatura é despertar no aluno o prazer de ler e, paulatinamente, introduzi-lo na cultura de forma atraente, completando assim o seu desenvolvimento.

O ponto de vista do trabalho interdisciplinar usado nas discussões e divulgado nas últimas décadas, implica num processo onde a ideia central parte da contribuição que várias ciências dão à análise de diversos temas que servem de orientação para o trabalho escolar, respeitando e dialogando com as especificidades de cada área do conhecimento, ou seja, a distribuição indispensável no diálogo inteligente com o mundo e cuja constituição é encontrada no enriquecimento histórico da ampliação do conhecimento. (FAZENDA 2005)

Foi partindo desta visão que obtivemos da interdisciplinaridade, a compreensão que ao romper a fragmentação das disciplinas, o professor procura compreender e estabelecer a afinidade entre uma somatória em constituição a ser perseguida e a ampliação dessa constituição através de uma dinâmica de busca de novos artifícios e de novas relações.

Resultados e proposições.

Dessa forma, compreendemos que a co-participação integrada de diversas ciências traz a sua contribuição para a interpretação de determinado assunto ou tema, é como se víssemos tal fenômeno por meio de uma lente que os divide segundo as díspares luzes do conhecimento (matemática, artes, música, leitura, escrita entre outras), o que nos é permitida a revelação de exterioridades estilhaçadas da realidade, onde estes, por sua vez, integrados comportam uma melhor compreensão do fenômeno interdisciplinar.

Assim ao compreendermos que as proposições da interdisciplinaridade são preciosas estratégias para administrarmos o trabalho pedagógico de associar conhecimentos e desenvolver capacidades. Vimos também que para o educador, trabalhar com a diversidade que é o universo do imaginário literário, se faz necessário ele, primeiro e constantemente mergulhar e se deleitar no prazer que a leitura proporciona. Quando o profissional alcançar

esse nível de envolvimento com a leitura certamente irá perceber na contação de estórias, uma metodologia abrangente, capaz de inspirar projetos interdisciplinares na escola, bem como operacionalizar os objetivos gerais, as utilizações do palavreado emblemático, das representações, da constituição da própria consciência e do alargamento informativo.

Pudemos perceber nos pequenos prazeres que se transformam em grandes momentos que os contos oferecem ao aluno o descortinamento de um mundo de curiosidades e muita informação que parecia está esperando para ser descoberto, sem falar que estes nos permitem o desencadear de toda uma integração de tarefas junto aos educandos. Assim, os contos nos permitem trabalhar de acordo com KUHLMANN (2000), com “(...) dinâmicas, técnicas e recursos podendo ser os mais variados: desde os mais antigos até os mais atuais (...)”, com isso acreditamos que o trabalho de contação compreende o uso de materiais desde o mais bucólico ao mais sofisticado, do mais remoto ao mais atual, todos os recursos são adequados.

A nossa tentativa com as proposições do projeto ALFA foi sempre que possível, munido de informação acerca da temática a ser discutida, propor as professoras colaboradoras tarefas e atividades lúdicas e envolventes, que mobilizem seus alunos para atividades de investigação, de criação e exploração de suas próprias capacidades. Esse tipo de abordagem desencadeia nos educandos diversos processos: desde a conexão entre as relações humanas até as divergências de conceitos geradas por pontos de vistas antagônicos, tais processos permitem ao educador realizar uma avaliação ininterrupta em conjunto com seus alunos, funcionando, muitas vezes, como uma espécie de fermento responsável pelo aumento cognitivo da massa.

O educador deve levar consigo a ideia que a leitura converte quem lê e esta, por sua vez, converte a realidade em quem vive despertar esse interesse desde a mais tenra infância deve ser primordial no professor interdisciplinar, uma vez que as mais diversas leituras inseridas nos contos de fadas estão impregnadas dos múltiplos sentidos de nossa vivência, dado através da cultura que somos e que vivenciamos. Somos tradição, somos o entorno e através desta consciência podemos sim transformá-la.

Considerações finais

Com isso recomendamos que, é por meio da contação de estórias que se desenha o cidadão preparado para as mudanças de contexto do século XXI, com entendimento,

compreensão e criticidade dos fatos. Diante disso, denotamos a amplitude das funções dos contos de fadas, como a aquisição da leitura reflexiva, de vocabulário, de conceitos bem como o gosto pela leitura e a escolha de valores.

Assim procuramos com o trabalho de contação de estórias no 5º ano, intervir junto às dificuldades de leitura e escrita e às frustrações das professoras colaboradoras com as iniciativas já empreendidas sem sucesso. Não temos a intenção de criticar ou desmerecer a prática dessas professoras, mesmo por que não se pode negar que se trata de uma turma heterogênea e fora de faixa etária para alfabetização e iniciação a leitura e produção textual.

O que esperamos com esse trabalho é oferecer sugestões de atividades que chamem a atenção e motive a turma de forma eficaz, agradável e duradoura. Nas palavras de VIEIRA (2009) “[...] instruir, deleitar e educar as crianças [...]” sem esquecer que, além desses objetivos, o mais relevante aprender distraído, pois se não existir arte que reporte ao deleite. A contação deixará de ser uma apresentação de obra literária para tornar-se apenas um livro didático, uma vez que acreditamos ser uma das primeiras funções dos contos de fadas, a educação para a sensibilidade, uma vez que este reúne o encanto das imagens e palavras prezando a qualidade dos sentimentos e sua ligação verdadeira com o universo infantil, tornando este fator essencial à construção de uma obra de literatura infantil.

Compreendeu-se, então, que as possibilidades de ensino e aprendizagem, referenciadas nas proposições de um projeto de leitura, nesse espaço, denominado de Projeto Alfa, tiveram um efeito significativo para os alunos, a partir de dois aspectos: o apelo literário contido no material pedagógico utilizado e a apreensão da escrita como prática social. Tais aspectos foram decisivos para que os sujeitos se identificassem com as estórias que liam, mostrando-se, assim, capazes de reescrevê-las a partir das experiências vivenciadas em seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil. gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BETTLHEIN, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

BARBOSA, Maria Carmem S. e HORN, Maria da Graça S. Organização do Espaço e

do Tempo na Escola Infantil. In: CRAIDY, Maria e KAERCHER, Gládis E. (orgs.).

Educação infantil: pra que te quero?. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 65-79.

CAMPOS, S. de; PESSOA, V.I.F. **Discutindo a formação de professoras e professores com Donald Schon**. In: PEREIRA, E.M.A; FIORENTINI, D.; GERALDI, C.M.G. Cartografias do trabalho docente. Campinas: Mercado das letras, 1998

FAZENDA, Ivani C.A. **A Questão da Interdisciplinaridade no Ensino, Educação e Sociedade**. São Paulo, Cortez/Cedes, 2005.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

SOUZA, N. O. O jovem que lê muito. Porque a escola manda. **Nova Escola**. São Paulo, n. 28. Mar. 1989

KUHLMANN JR., M., (2000). **Educando a infância brasileira**. In: LOPES, E.M.T.;